

Pedro Demo

Metodologia para quem quer aprender

Grupo 2

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2008

porte, mas nada além disso. Aula só faz sentido, se o aluno aprender bem. É o que não ocorre.

2 APRENDER É ESTUDAR

Aprendizagem, para iniciar, não é resultado de instrução. A biologia mostra isso hoje com grande convicção: o ser vivo é máquina autopoietica, que funciona de dentro para fora, como sempre pensaram os educadores maiêuticos, na pista de Sócrates. Não temos da realidade externa um xérox na cabeça, uma reprodução fotográfica, mas uma reconstrução, interpretação, na posição de observador participativo. O computador funciona de fora para dentro, precisa de tomada elétrica, teclado, *softwares* e *hardwares*. Armazena e processa dados com perícia estupenda, mas nada interpreta, reconstrói, pelo menos por enquanto. A mente humana, a rigor, não pode ser instruída, por mais que se tente. O que nela entra, entra por dentro, na condição de sujeito, mesmo que este sujeito seja violentamente reduzido a objeto. A mente humana não só percebe significados, principalmente cria e recria significados, manipulando símbolos não apenas na dimensão sintática (como faz o computador digital, algorítmico), mas sobretudo na dimensão semântica, complexa não-linear. Por exemplo, a mente humana pode interpretar ausência, silêncio, reticência como mensagem, por vezes mais nítida que o reverso. Há silêncio que grita, ausência que incomoda, reticência que escancara.

É por isso que as palavras admitem múltiplos sentidos, sendo este tipo de ambigüidade próprio do ambiente semântico. Por exemplo, estudar pode ser interpretado como ter aula, como elaboração de autoria própria, como sacrifi-

cio e chatice, como sentido da vida para alunos animados etc. "Dar um presente" pode significar: ato de solidariedade/carinho; ato para provocar em quem recebe uma dívida; ato rotineiro, por obrigação social. Como cada mente é um mundo subjetivo, de toda palavra, por mais que tenha um sentido comum, há sentidos individuais de cada mente. Se reunirmos 15 pessoas em torno de uma mesa redonda e contarmos uma história para a primeira, que conta para a segunda até a décima quinta, veremos que a história chega bem deturpada, porque não somos capazes de apenas "transmitir" a história. Contando uma história, passamos a fazer parte dela; ela recebe nossa marca subjetiva, cultural, pessoal. Somos figuras auto-referentes: percebemos do ponto de vista do observador participativo. Por isso, o povo diz: quem conta um conto acrescenta um ponto. Por mais que queiramos doutrinar alguém, para torná-lo nosso assecla, cada qual só pode pensar com sua própria cabeça, a menos que ocorra enfermidade mental.²

Daí decorre que ambiente adequado de aprendizagem supõe atividades, em primeiro lugar, participativas, nas quais o aprendiz se encontra envolvido e motivado, na condição de sujeito, e, em segundo lugar, que acionem processos e dinâmicas reconstrutivas, interpretativas, sempre como autor. Entre tais atividades podemos destacar a *pesquisa* e a *elaboração própria*, individual e coletiva, através das quais se exerce a autoria do conhecimento reconstruído. Um dos resultados mais importantes deste processo

² É possível provocar dependência mental de ideologias e doutrinas inculcadas em ambientes de opressão sistemática, em regimes ditatoriais ou fundamentalistas, nos quais se busca apagar a personalidade em favor de atrelamentos subservientes. Mas é enfermidade.

é a construção crescente da autonomia humana, um dos pontos mais altos da potencialidade disruptiva do conhecimento. A autonomia não pode ser absoluta, porque colidiria com a autonomia dos outros. Faz parte dos processos educativos, tipicamente formativos, arquitetar modos conviventes de autonomia, em especial aqueles que sabem convencer sem vencer. Ao lado da capacidade de criticar, não é menos importante a capacidade de autocrítica. Esta é a coerência da crítica.

Sem rebuscar tais lances teóricos, podemos apresentar alguns pontos ilustrativos da aprendizagem adequada:

- a) aprendizagem supõe inevitavelmente *autoria*; através dela deixamos de reproduzir para reconstruir; lemos autores para nos tornarmos autores;
- b) aprendizagem exige *pesquisa*, como atividade autopoietica de reconstrução própria do conhecimento disponível ou novo; conhecimento não se transmite, copia, mas se reconstrói, interpreta;
- c) aprendizagem pede *elaboração* constante de textos, através dos quais exercitamos a autoria e a correspondente autonomia; elaboração é indicativo forte do saber pensar, à medida que estruturamos as idéias sob a égide do sujeito;
- d) aprendizagem reclama *leitura sistemática*, tanto para acompanhar a evolução da discussão, quanto para ter idéias pertinentes a serem reconstruídas; quem lê bem possui referências, apoios, contraposições;

APRENDER	i – autoria	v – argumentar
	ii – pesquisa	vi – fundamentar
	iii – elaboração própria	vii – hábito
	iv – leitura sistemática	viii – profissional

- e) aprendizagem se expressa na arte de *argumentar* e contra-argumentar, com base na autoridade do argumento; desfaz-se do argumento de autoridade que, propriamente, não é argumento nenhum; sabe montar seu discurso próprio com suficiente qualidade intrínseca, por conta da reconstrução inteligente e arguta do conhecimento;
- f) aprendizagem aparece na habilidade de *fundamentar* o que se diz, mantendo a percepção de que nada se diz em última instância peremptória; o fundamento maior é a autocrítica, porque preserva o olhar socrático do saber limitado que sempre se renova; a crítica é essencial, mas ainda mais profunda é a autocrítica, porque nela comparece o autor que continua aprendendo;
- g) aprendizagem requer dedicação sistemática transformada em *hábito* permanente; aprendizagem adequada compatibiliza-se bem com formação permanente, indicando que é o caso de estudar sempre; em parte isto é imposto pela perecibilidade do conhecimento, em parte por novos horizontes que sempre se descortinam; não adianta estudar de vez em quando, por acaso, aos solavancos; há que estudar todos os dias;

- h) aprendizagem do professor tem que ser *profissional*, porque ele é profissional da aprendizagem; precisa, pois, estudar profissionalmente, como parte mais decisiva de sua profissão; quem não estuda não tem aula para dar.

Autores importantes e pedagogos conhecidos foram estudiosos profissionais. Podem ter escutado muitas aulas, mas o processo formativo se deu com base em seu esforço reconstrutivo sistemático. Formaram-se de dentro para fora, usando aulas e mesmo provas, mas sobretudo aprendendo na condição de autores. As grandes universidades não são conhecidas pelas aulas, mas pelas mentes brilhantes que aí se formam. Pesquisar e elaborar são habilidades imprescindíveis. Se "formação é o que resta depois que se esqueceu tudo", instrucionismo está descartado, porque imbeciliza.

É fundamental aprender na escola a estudar. Em geral, somos instruídos a reproduzir, o que coincide com não aprender. É sempre importante observar duas dimensões no estudo. Há o estudo individual, quando estudamos sozinhos e nos dedicamos ao trabalho intelectual com base na reflexão própria. É fundamental saber fazer isso bem, porque exige disciplina, perseverança e, de preferência, motivação e gosto. Mas há também o estudo em grupo, facilmente banalizado entre nós, mas de grande valor pedagógico, não só porque é complicado arregimentar um grupo, mas principalmente porque é desafio crucial elaborar consensos pertinentes. Em geral, os consensos são medíocres, porque só pode ser medíocre aquilo em que todos acreditam. Bastaria observar os consensos que saem do Congresso Nacional! Mas a história concreta é feita de

tais consensos, sendo essencial imprimir-lhes a melhor qualidade possível. Para evitar a vagabundagem no trabalho em grupo, sugere-se que, antes do consenso elaborado final da equipe, cada membro faça seu texto próprio. De todos os modos, não se pode estudar sem texto próprio e coletivo pela razão crucial de que não faz sentido socializar a ignorância.

Pela mesma razão é importante aprender a “ler”, na acepção de Paulo Freire (“ler” a realidade). Trata-se de “contraler”, no sentido de ler na pretensão de autor, não de receptor. Significa que não vale passar por cima, do lado do autor, mas por dentro dele, desconstruindo e reconstruindo. Um bom livro precisa ser lido com caneta na mão, riscando tudo o que possa ser interessante e, depois, reconstruindo as referências mais relevantes em textos *ad hoc*. Agora, temos o computador: todo bom livro lido precisa ir para o computador, sob a forma de textos interpretativos que podem sempre ser usados e recuperados. Podemos ler por cima, como se lê jornal. Mas, para aprender de verdade, é indispensável contraler os textos, para que possamos sair desta empreitada como autores cada vez mais reconstitutivos. Nem sempre lemos com prazer, porque nem tudo dá prazer. Muitas vezes, temos de ler o que pouco nos interessa, por obrigação. O importante não é o prazer, mas a motivação, o envolvimento. Para fazer uma tese de doutorado, temos que ler, estudar, pesquisar muita coisa que jamais faríamos se dependesse apenas do prazer. Mas a motivação pode superar tudo isso e conferir sentido ao esforço. Não se trata do prazer do bobo alegre, mas da alegria do bom combate.

NÃO	ensinar	instruir	treinar
SIM	aprender	estudar	formar-se

Nós professores teríamos de contar com a expectativa de que, devendo estudar profissionalmente, tivessem constante motivação para estudar. Professores que não lêem, estudam, elaboram, pesquisam não cumprem a condição *sine qua non* de um professor minimamente adequado. Não sabem aprender e, por decorrência, não fazem o aluno aprender. Leitura é parte integrante desse negócio. Professor precisa ler todo dia, como “pão nosso de cada dia”. Não é viável motivar o gosto pela leitura no aluno, se o professor não lê. Como este acredita que se aprende escutando aula, tomando nota e fazendo prova, leitura é atividade ociosa. A aula pode ser, aí, expediente dramaticamente imbecilizante, porque vende a noção fatídica de coisa pronta, que só resta copiar e restituir bem copiada na prova. Aula é, muitas vezes, anteparo da mediocridade de um docente que apenas copia e só consegue que os alunos copiem. Não é culpa dele, porquanto é vítima do sistema como todos os alunos e professores. Continua fazendo a instrução que lhe foi transmitida no curso para se tornar docente. Há muitos outros problemas, é claro. Muitos professores não lêem porque não podem comprar livros, ou porque não existem livros para comprar onde moram, ou porque não possuem tempo, após jornadas exaustivas de trabalho. Entretanto, apesar de toda miséria, não ler, estudar, aprender é não ser professor.